

NOTA DE LIVRO

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. Lisboa, Editorial Caminho, 1980.

Publicado em fevereiro de 1980, o último romance de José Saramago — *Levantado do chão* — teve em julho do mesmo ano a sua segunda edição e no início de 1982 sai a terceira, anunciando o prêmio recebido: “Cidade de Lisboa”.

O título do romance relaciona-se com a sua última página, que se refere a um dia “levantado e principal”, ocorrido após um percurso de três quartos de século, tempo do romance. Segundo o Autor, do chão levanta-se também um livro, do qual ele diz: “Isto é o Alentejo”.

O texto acompanha um processo de transformação social, que se reflete na técnica de composição do romance: narrador, personagens e narratário, caracterizados inicialmente como repetidores passivos e submissos de discursos alheios, vão gradualmente assumindo a própria linguagem como discurso, como diálogo, realizando-se então a escrita de alguém que aprendeu a ler em si mesmo e também no outro.

O romance de José Saramago é, pois, obra de contestação: apresenta-se como cruzamento de superfícies textuais, diálogo de vários escritos: do autor, do narrador, do destinatário, das personagens, do contexto cultural atual e anterior. A história e a sociedade são vistas pelo escritor como textos que ele lê e em que se inscreve ao reescrevê-los; tornam-se assim ambivalentes, pois adquirem um significado novo, embora conservem também o antigo.

As personagens do romance dividem-se, inicialmente, em dois grandes tipos: os donos da terra ou seus representantes, metonímias da instância superior, cuja posição de dominador, misticamente natural, foi iniciada *in illo tempore* e é transmitida através de relações de contigüidade, indicadas tautofonicamente por seus nomes; e outras personagens, às quais é negada até a equiparação ao animal e impedida a satisfação inerente à necessidade básica de alimentação e higiene, relacionando-se sujeira/submissão ao poder.

O primeiro tipo define-se por seu estatuto de dominador mítico. Trata-se do dono da terra ou de seus representantes, que variam, mas estão sempre colocados como metonímia da instância superior. Sua posição de dominador é miticamente natural, foi iniciada in illo tempore e é transmitida através de relações de contigüidade, indicadas por seus nomes: Lamber-to, Dagoberto, Alberto, Florisberto, Norberto, Berto, Sigisberto, Adalberto Angiberto, Ansberto, Contra-berto, ou "encoberto", conforme se acrescenta ironicamente à página 275.

Seus representantes junto aos dominados também são identificados pelos nomes, em que a tautofonia indica a situação de repetidores de discursos alheios: tenente Contente, cabo Tacabo, sargento Armamento, administrador Goncelho, os torturadores Escarro e Escarrilho, o agente Leandro Leandres. Caracterizam-se também metonimicamente pelas armas, pois estão sempre "de espingardola em posição, que sem ela nem sabem sentir-se homens" (p. 165), ou então diz-se que já saíram das barrigas das mães com as armas.

Outro representante do poder junto aos trabalhadores é o padre Agamedes, cuja função metonímica manifesta-se através da continuidade do nome e das atitudes, sempre os mesmos, embora a figura física varie. Ele traz aos homens a palavra do Senhor — Bíblia/latifúndio —, usufruindo naturalmente das boas relações com os poderosos, a quem sua submissão é total. Seu discurso é metonímia do

divino e caracteriza-se pela lisonja ou pelo poder encantatório e de maldição, conforme o destinatário. Sua dedicação e incontestada fidelidade ao latifúndio confirmam-se todas as vezes em que a personagem aparece no romance, bem como através de seu nome: Agamedes é o que medita superlativamente e, supõe-se, sabe o que deve fazer. Identificado ao poder, em circunstâncias normais ele é invencível, como mostra o episódio de Domingos Mau-Tempo, cujos olhos cobiçosos são postos na sobrinha/amásia do padre.

Existe um trabalhador que, pelo nome, aparentemente foge ao esquema: Felisberto Lampas. Faria naturalmente parte dos dominados, pois além de Berto, é feliz. Para não deixar margem a dúvidas, porém, o próprio narrador comenta: "tem nome de Felisberto, mas é um acaso" (p. 106).

As personagens de Levantado do chão dividem-se portanto em dois tipos: o daquelas que dispõem de um espaço, considerado seu por direito ou por contigüidade, usado em nome de ou em lugar de, e aquelas a quem é negada até a equiparação ao animal, com a satisfação inerente à necessidade básica de alimento e higiene. Sujeira e poder estão relacionados: a sujeira a que se submetem os trabalhadores é congruente com a sua submissão ao sistema, que eles não se permitem ao menos questionar.

A falta de espaço próprio desse segundo tipo de personagens indica-se através de uma sinédoque: o primeiro núcleo da família Mau-Tempo, definida previamente atra-

vés desse sobrenome, cuja carga semântica é reforçada pela difícil caminhada na chuva que caracteriza seu aparecimento na narrativa. Como os homens que estão na taberna e fazem brincadeira pela coincidência entre o nome e o tempo, também o leitor é conduzido pelo narrador a essa associação, reforçada pelo comentário: "se chega um estranho que tem o nome de Mau-Tempo, só um tolo não aproveita, demais tendo chovido" (p. 21).

Domingos Mau-Tempo é submissamente dedicado ao Senhor, como os domingos. Seu futuro está definido pelos "fados": antes do aparecimento da personagem, o narrador apresenta "bruxas e pentear-se" e logo em seguida comenta ter sido a chuva um "dilúvio de mau prenúncio" (p. 25). A personagem está determinada pelo destino negativo, pela desgraça constante: Mau-Tempo, enfim, conforme o nome. Domingos procura, inutilmente, um espaço próprio, "como um pássaro que se atira de pelta contra os ferros da galola, (...) vai de um lado para o outro como o judeu errante" (p. 29), com "suas persistentes inquietações de vagabundo" (p. 30).

O narrador comenta lamentações da mulher de Domingos, indicadores de sua impotência diante da miséria e da opressão e diz: "Mas isto já ficara dito antes" p. 55). A submissão ao poder é, portanto, reforçada por repetições míticas de eterno retorno a situações antigas, inalteradas e aparentemente inalteráveis. O narrador parece sugerir que também ele não

tinha autonomia para realizar sua criação, assim como a personagem não tinha escolha de seu destino: e ainda: que a imaginação do narratário estaria cerceada pelas antecipações feitas pelo narrador.

Esse "já ficara dito antes" parece estar relacionado com a última frase do primeiro capítulo do romance: "Mas tudo isto pode ser contado de outra maneira" (p. 14), e também com o seu próprio título: *Levantado do chão*. É como se houvesse no livro duas partes. Inicialmente, o discurso é monológico, predeterminado. O escritor descreve e narra dentro de pressupostos, com um discurso que é determinado pelo poder, como se viu ao endossar ele a necessidade de os trabalhadores conviverem com a sujeira. As personagens são títeres determinados pelas circunstâncias, e o narratário deve submetre-se às regras ditadas pelo narrador. Com relação à linguagem, poder-se-ia ver na tautofonia e na organização do discurso a submissão do narrador às normas preestabelecidas do bem escrever.

Decorrida parte da narrativa, porém, surgem nela sinais de mudança e diálogo, de intertextualidade e distanciamento com relação a esse Sujeito Maior a quem tudo está subordinado. Começam a surgir as perguntas proibidas, e lentamente, dificilmente, inicia-se a aquisição da consciência e a conquista do espaço, para que o romance chegue a ficar *Levantado do chão*.

É interessante observar que o livro constitui-se de trinta e quatro capítulos e que o décimo sétimo

narra o interrogatório, tortura e morte de Germano Santos Vidigal, cujo sacrifício poderia ser visto como rito de passagem, decisivo para a marcação da mudança existente em todo o livro. O nome Germano significa o irmão, o que pertence à mesma raça, mas também o homem da lança, o lonceiro; seria talvez aquele que se arma e luta e, embora vencido, indica um novo caminho.

A alfabetização, as viagens, a capacidade de atualizar os discursos e a dinamização dos diálogos marcam a mudança no âmbito das personagens, que adquirem até o direito de se tornarem narradoras. Também o narratário deixa de ser submisso e começa a adquirir espaço: coloca questões ao narrador, que lhe reconhece o direito de exercer a imaginação e fazer perguntas. A atividade crítica por parte do narrador aparece, principalmente, através de mise en abyme de enunciado e de enunciação. Ele se apropria, às vezes, de textos onde a perspectiva crítica já existe; um exemplo seria a "Balada da neve", de Augusto Gil. Em outros momentos, mostra-se a possibilidade de diferenciação de pontos de vista relativamente a textos mencionados, como a Bíblia e Os Lusíadas.

O crescente dialogismo no romance pode ser acompanhado pela evolução dos diálogos entre as personagens. No primeiro núcleo da família Mau-Tempo, o diálogo entre marido e mulher resumia-se a monossilábicas perguntas e respostas, com a indicação de que eles não sabiam falar nem ouvir. João

Mau-Tempo, ao contrário do pai, já sabe ouvir o filho e defende-o contra o maioral. E especialmente interessante é o fato de Gracinda, a filha de João Mau-Tempo, convencer o marido de que ela também deve ir à manifestação dos trabalhadores, apesar da discordância inicial: "responderam pela boca dele sabe-se lá quantas vezes de manuéis, isto não é coisa para mulheres" (p. 310).

Esse episódio indica que a mulher conquistou direito a um espaço junto ao homem, sendo esse espaço representado também no que lhe é reservado na narrativa. Anteriormente, dizia o narrador: "De mulheres nem vale a pena falar, tão constante é o seu fado de parideiras e animais de carga" (p. 125). Ainda menos valorizada que o homem, a mulher tem mais dificuldade em adquirir discurso próprio.

No final do romance, depois de se integrarem no novo tempo, as mulheres tomam parte nas decisões: "No segundo falar juntaram-se mais quatro vozes, duas de homem, (...) e duas de mulher, Emilia Profeta e Maria Adelaide Espada" (p. 363). Esta última é a bisneta de Domingos Mau-Tempo. Sua diferenciação do bisavô indica que o processo histórico realmente se realizou.

Maria Adelaide tem os olhos azuis do avô João Mau-Tempo, o que poderia ser sinal de sua posição de dominada e explorada, pois constituem a marca daquele que, há quinhentos anos, forçou a donzela na fonte. Ela é diferente, porém: já ao nascer tem voz e aos

sete "entende a vida", como diz o narrador. Ela se une a Emilla Profeta e aos outros para a criação coletiva de um novo mundo, onde a realidade possa ser contada de outra maneira.

O crescente dialogismo pode ser visto também através da evolução dos relacionamentos sexuais no romance. No início havia um impulso sexual individualista e unilateral, revelação de simples necessidade biológica. Veja-se o acontecido com a donzela violentada nos fetos, quase quinhentos anos antes, em razão do "atijado do sangue" (p. 24). Nas três gerações da família Mau-Tempo a relação sexual passa a ser, paulatinamente, resposta a uma necessidade bilateral, ainda praticamente biológica em Domingos e Sara, já mais consciente em João e Faustina, e de escolha, amadurecimento, preocupação com o diálogo e com o crescimento do outro em Manuel Espada e Gracinda. É interessante observar que, na festa do casamento dos dois últimos, há quem ouse afrontar a prepotência do padre. Nessa festa, os trabalhadores já se entendem: aprenderam a falar e a ouvir e isso se reflete no surgimento de um contador de histórias. Mostrando ter aprendido a escutar, o narrador cede a palavra à personagem Antônio Mau-Tempo, cujas narrativas também têm a sua evolução.

Outro ponto importante, em *Levantado do chão*, seria o do relacionamento entre escrita e poder. No início do romance fala-se na escritura do latifúndio, e parece

poder-se relacionar essa posse da escrita com a detenção do poder. Quem produz os signos produz (ou detém) o poder, pois quem controla a letra controla a comunidade. A falta da escrita será seguida de submissão total e a repressão maior ocorre no texto justamente quando os trabalhadores/dominados começam a ler e escrever. É que eles começaram a contestar, através de uma nova escrita, um código de valores elaborados em sua ausência.

Por outro lado, a instalação de uma nova ordem social acontece quando "em todos os montes e herdades são tomadas as chaves e escritos os inventários" (p. 364). A aquisição da escrita, confirmando que os trabalhadores adquiriram voz e poder, equivale à perda de poder e voz por parte dos dominadores: o padre Agamedes cala-se no casamento, os guardas recolhem-se em silêncio ao seu espaço próprio, os feitores concordam com a projetada ocupação da terra e, "nem falando nem cantando, nem calando nem chorando, estão Norbertos e Gilbertos ausentes, para onde foram, sab-se lá" (p. 364). A ausência dos dominadores corresponde à anulação de sua escrita.

Levantado do chão acompanha, portanto, um processo de transformação social. Ao mesmo tempo, porém, discute a própria superficialidade do texto literário, apresentando-se, dialogicamente, como cruzamento de vários discursos.

Lélia Parreira Duarte